



# O Gaiato

10 DE SETEMBRO DE 1966  
ANO XXIII — N.º 587 — Preço 1\$

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR PADRE CARLOS

FUNDADOR Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



## MISSA NOVA DO PADRE ABRAÃO

A nossa Aldeia vestiu galas, para mais um grande acontecimento. Dias antes do grande dia, já a azáfama se notava na «comissão» de asseios e para os lados da cozinha havia muito movimento. A tempo e horas tudo estava no seu lugar.

A ordenação do novo e nono Padre da Rua, Abraão da Costa Lopes, teve lugar em Aveiro, no passado dia 14.

A entrada festiva do Padre Abraão nesta nossa e sua Casa do Gaiato, foi no dia 18, dia da sua Missa Nova.

Depois de tudo alindado e do formosíssimo tapete de serrim colorido, que ia da entrada do portão até à Capela, ter ficado um primor, felizes e alegres, fomos até ao portão.

Já aí se encontravam amigos nossos e do neo-sacerdote. Muitos vicentinos de Braga, donde Padre Abraão é natural. Colegas, familiares e ex-gaiatos. Todos presentes, aguardámos a chegada do novo Ministro de Deus, que se verificou pelas 10 e meia.

O entusiasmo em todos transparecia e a alegria e comoção de Padre Abraão foi enorme, ao ser recebido no seio desta Comunidade, por todos os «Padres da Rua» no Continente, e por todos os seus gaiatos.

Subiu-se a avenida no meio de palmas, vivas, abraços, muita euforia e algumas lágrimas.

CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA

Uma hora inesquecível na vida de Padre Abraão — a celebração da sua Missa Nova na capela de Paço de Sousa

O Zé Maria regressou da Guiné. Veio para a sua casa cheio de alegria e saudade. Traz no rosto estampados os horrores de uma guerra indecifrável e no espírito recordações horríveis que relata aos camaradas. Não passou semana que não escrevesse, quer recebesse ou não resposta e na nossa confiança depositou dois terços do seu ordenado de cabo. Pediu-me para trazer dois pretinhos. Não conseguiu, por eles não serem identificáveis.

O espírito de família da Obra amadureceu-lhe o coração e o Zé Maria não se esqueceu de uma lembrança colectiva que tem sido a alegria de todos: um macaco. Zé Maria traz dois lousos pela sua coragem e audácia e um diploma de bom comportamento.

Toda a louça é, entre nós, um grande problema! Eu farto-me de gastar dinheiro em louça! Louça partida, louça amolgada, louça perdida. Custava-me muito ver os rapazes beberem a água e o vinho pelas mesmas malgas do café. Decidi-me comprar copos de vidro. Fortes, resistentes para não cederem a pequenos embates.

No primeiro dia, partiram-se seis. No segundo quatro. Eu es-

## SETUBAL

tava a ver a minha ideia a ir ao fundo. Dentro de poucos dias voltaríamos às malgas de alumínio. Tomaram-se medidas drásticas: — «Seis meses de copa para quem partir um copo». — A copa é das «obrigações» mais custosas. O medo da copa trouxe

Continua na SEGUNDA pág.

## LAR DE LISBOA

Os grandes problemas têm de subir ao grande Conselho. E como a Família, na total dimensão, é constituída por quantos, mediante o Famoso, convivem a nossa vida — eis-nos, sem mais rodeios, apresentando a agenda desta reunião à magna Assembleia Geral.

Falámos duas quinzenas atrás do problema do Lar de Lisboa: Difícil de sustentar a situação actual.

Depois de muita procura, de muita escada subida e descida em vão, achámos uma casa que serve. Uma casa para nós, tem de ser feita de duas, que os andares dos nossos dias não estão previstos para famílias numerosas! Dois caminhos se nos apresentam no prédio finalmente achado: Um último

andar, que só se vende com uma espécie de sótão anexo; ou dois andares, esquerdo e direito.

A primeira solução remedearia por agora, mas não resolve os problemas que o crescimento do Lar produzirá. É a própria valorização da propriedade sofre, porquanto a casa com sótão será grande demais para uma família de constituição normal; e o sótão só por si é invendável.

O segundo caminho deixa-nos servidos por muitos, muitos anos. Tem a vantagem de toda a vida da comunidade se realizar em um só piso. E se amanhã se impusesse a alinação, eram sempre os dois andares normais do prédio que seriam postos em venda, com

a valorização que a incessante subida do custo de vida deixa prever.

Com estas premissas parece não haver problema de escolha. Sim..., se não fóra o tão diverso preço.

A primeira hipótese, custa 860 contos. A segunda 1.300. Há a respeitável diferença de 440 deles. Metade conseguimos-lo em 1.ª hipoteca a juro razoável. E o resto? Na primeira solução, esvaziadas todas as economias de todas as Casas da Obra, seria possível conseguir quase a outra metade. Na segunda, não. Fica-nos um pesado encargo, parte dele com juro de penhorista. E nós não estamos habituados a dever. Sabemos

Continua na página QUATRO

# AGORA

Cá temos de novo a Procissão em sua saída estival. É tempo de muitas procissões, é tempo de festas e romarias. A nossa Procissão é sempre devota, sempre penitencial. Ela exprime um desejo de mudança da vida de quantos vão nela; de mudança de vida, tanto para os que com ela vão beneficiar materialmente, como para os que beneficiam espiritualmente no acto de caridade que ela é. Não é folclórica a nossa Procissão: não leva andores ornamentados, nem anjinhos, nem figuras alegóricas. É um cortejo de realidades essenciais: de homens que procuram libertar o que há em si de Anjo, da opressão do que também há de «lobo dos homens». Que bela a nossa Procissão!

Na primeira fila vem um casal, filha e genro de um Henrique recentemente falecido que, por vontade deste, em sufrágio da sua e das almas dos seus, trazem 90 contos. Deixaram mais 25 pró Calvário. A seguir vem Z., da Av. Columbano, em Lisboa. Alguém com mil. Maria Teresa, da Parede com 240\$. Assinante 11.120 com 20\$. Da R. Alexandre Herculano, Lisboa, «umas telhas, ou uns vidros...», qualquer coisa que seja aplicada nos materiais precisos e uma carta muito familiar e amiga pró nosso Júlio. Assinante 4811 e 50\$. Vinte contos e o recado para telefonar e dizer o lugar onde a casa fôr construída. Mais 30 deles depositados por Maria Manuela. Quantas vezes ela e sua Mãe têm corrido estes caminhos! Mais Maria com 100\$. É de Lisboa também! Lisboa marca nesta Procissão!

Outra casa por inteiro: Casa Jesus Maria e José. 50\$ do Assinante 10.250.

Mais outra casa, esta de 15 contos, entregue no Espelho da Moda: Casa Manelzinho. Outros 50\$ do Assinante 6.653. Uma casa de 12 contos entregue à porta da nossa Capela na Festa da Assunção de Nossa Senhora. Dez contos da Av. Marechal Gomes da Costa em Braga. 70\$ de um José. Mais 1.760\$ de vários donativos entregues no Montepio Geral em Lisboa, pelo Assinante 33.503, por «Um Pecador» e pelo Pessoal do Banco de Portugal.

Desfilam agora os das Casas para que vários concorrem. Duas achegas para a Casa d. N.º S.ª do Carmo. Uma de 100\$ «a recordar o dia em que Pai Américo partiu para o Céu». E mais esta legenda: «Esta oferta é humilde mas sincero testemunho de gratidão pelo bem que a vida sacerdotal de Pai Américo, tão luminosa, tem feito à minha alma». A outra é «a cota relativa ao semestre a contar de Outubro, que caminha muito lenta-

mente, mas tenho fé que, mais cedo ou mais tarde, há-de ser uma realidade». São 120\$. E não resisto ao resto do desabafo:

«Por graça de Deus a minha cota continua a não ser fruto de sacrifícios; tenho-os doutra espécie. Deus sabe como é difícil para mim suportar a vida de trabalho do meu marido, pequeno comerciante, que tem de trabalhar de dia e de noite, roubando esse trabalho a alegria do convívio no lar comigo e com os filhos, dando lugar a um pouco de viver mais espiritual. Se eu não soubesse que há pessoas com aflições muito maiores, atrevia-me a pedir-lhe uma oração da comunidade, para que o Senhor conceda ao meu marido a graça do amor pelas coisas espirituais: oração, leitura, música, brincar com os filhos, passear, confiar, aceitar o que vem, saber dar as mãos, e arranjar tempo para ler o Gaiato.

Perdoe tanta conversa, mas acredite que atravesso uma crise de desalento, e alguma frustração, pois esperava encontrar mais espiritualidade no meu marido. E, Deus sabe o que ele esperava encontrar em mim e eu não respondi...

Muitas felicidades para a nossa Obra, que tanto me ajuda. Se não fosse ela, através do conhecimento e formação que pela leitura do «Famoso» tenho, eu seria muito diferente, e muito pior».

Termina o grupo encabeçado por este pendão um licenciado

com 150\$ para a Casa dos ditos e este alvitre:

«Não valeria a pena, fazer em «O Gaiato», um apelo especial a «espicaçar» os visados para concorrerem para o levantamento da «sua» casa?

Quantos milhares (ou dezenas) não haverá de licenciados em Portugal? Só médicos são mais de 7.000!

Ora, a 20 escudos cada um (porque não há notas mais pequenas), por todos os «doutores» do país, não se arranjará só uma casa mas um pequeno «bairro» universitário...

Fogo à pega!!! dizem os proctécnicos...».

Pois aí têm o aguilhão!

Agora é a vez dos d. todos os meses: É a Alda. É o Sr. Major «do silêncio». São a Berta e o Jorge. É a que pede uma Avé-Maria pela conversão de um Chefe de Família. É a Maria Vicência com o 1.º semestre de 1966 (300\$). É a Maria do Pequeno Louvre. E mais ninguém.

Surgem os Pessoais. O da Caixa Textil com 226\$, 244\$, 222\$, 220\$ e 214\$, de Março a Julho.

O da Caixa de Previdência do Distrito do Porto só apareceu uma vez com 140\$. O do Grémio da Panificação com 180\$, 177\$50, 470\$, 172\$50 e 170\$. Fecha o grupo o da HICA com 1.736\$10, 1.739\$70, 1.733\$90, 1.737\$40 e 1.976\$90. Não temos cá sinal de depósito no mês de Maio. Será falha nossa?

Como de costume a Administração da HICA juntou o seu quinhão igual às somas arrecadadas pelo Pessoal durante o 1.º semestre: 10.432\$30.

E a Procissão havia de fechar, mas não fecha, pelo seu demasiado comprimento, com os das Casas a Prestações.

# SETUBAL

Continuação da primeira pág.

um cuidado enorme pelos copos de vidro.

Aconteceu, outro dia, no almoço que Super-Rato, mais Carlos Alberto brincavam na mesa. Nisto um manda uma casca de melancia e o outro vai a arredar-se, tocou num copo, este caiu e partiu-se. Eu estava mas não vi, nem me tinha apercebido da brincadeira. Ouvi apenas o tilitar do copo partido. Indaguei e não se descobriu o réu. Parecia-me ter sido Carlos Alberto e responsabilizei-o. «Ficas tu na copa ou então resolve o problema».

Carlos Alberto fez-se encarnado, olhou por cima do sobrolho, olhou para o chão e depois para mim com cara de poucos amigos e ficou com a responsabilidade aos ombros.

Passados dias, para sanar o meu estado de dúvida, perguntei-lhe. Então, Carlos Alberto como resolveste o problema? Com ar sereno e convicto o nosso homem relatou-me o acontecido com todos os pormenores e depois concluiu: — Assim dividimos o castigo pelos dois. Super-Rato fica 3 meses e eu outros três.

Ora aqui está.

Padre Acílio



## Auto-Construção

Também os Auto-Construtores não nascem. Fazem-se. Há uma tendência no homem para o grupo, para a associação. Antes de mais, como é evidente, para a Família. Depois para diversos agrupamentos, com as mais diversas finalidades. Por outro lado todo o homem é dotado de personalidade e esta personalidade conduz, com a maior das facilidades, ao individualismo. Ser sociável e ser egoísta é o homem. Como noutros aspectos também, sinal de contradição, sujeito de forças contrárias e divergentes. Auto-Construção

exige grande poder de sociabilidade. É o alicerce, é a abóbada. Não obstante a tendência social inata a todo o indivíduo normal, movimentos como Auto-Construção exigem um grande esforço de vontade, de educação. É que todos os outros são diferentes de mim mesmo. Melhores? Piores? Diferentes. E neste conceito se originaram e originam tantas e tantas coisas. Cada rapaz que vai ser Auto-Construtor é muito diferente de todos os outros. Tem uma tendência inata para exagerar as suas qualidades, os seus méritos, a sua competência. Daí julgar-se lesado, pensar que fica imensamente prejudicado, quando se junta a outros para construir as suas casas. Aqui tem de aparecer o grande e indispensável trabalho de formação. Antes de mais há que habituar o rapaz a pensar. Pensar com ele. Afinal os outros também são. Afinal os outros também sabem. Viver é receber e dar. Até ao presente, quanto e quanto já recebi dos outros! A existência, os primeiros cuidados dos primeiros dias, das primeiras horas. Depois, ter uma grande ambição na vida: **Querer dar mais.** Nunca haverá Auto-Construção se não se ultrapassar o campo estrito da justiça. O justiceiro, por via de regra, está pronto a prejudicar os outros. O Auto-Construtor quer a justiça mas querará mais que a justiça. Por uma justiça nenhum de nós era nascido sequer. O homem cristão estará pronto a dar mais que o devido. Não passa o seu tempo a medir ou a pesar o que recebeu e o que deu. Ambição dar mais, sempre mais. A cruz não é o sinal igual. É, sim, o sinal mais. Mas os homens não nascem assim. Por isso os Auto-Construtores não nascem. Fazem-se.

(Toda a correspondência para Auto-Construção, Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

## Missa Nova do Padre Abraão

Mais um padre, para ajudar à cruz dos outros «Padres da Rua». Como Pai Américo sorriria de contente, ao ver a felicidade dos seus continuadores e a pequenina grei aumentada!

A seara continua a crescer e o Senhor nos ajude a continuarmos a amar a Sua Pobreza e a Sua Lei.

E chegamos à hora alta deste dia memorável — a Missa Nova. Concelebraram todos os nossos Padres presentes.

Missa cantada como sempre pelo nosso coro e ouvida e vivida religiosamente pelos inúmeros fiéis que enchem a Capela.

A homilia foi feita pelo Senhor Padre Luís que, bastante emocionado também, lembrou que fora há 3 anos que nesta mesma Capela cantara a sua primeira Missa. Fez depois a

Continuação da primeira pág.

apologia dos Sacramentos, realçando o Sacramento da Ordem.

Continuou o Santo Sacrificio. À comunhão, foram muitos os fiéis que se abeiraram da Eucaristia.

No final houve a tocante e rimónia do beija-mão. Todos, louvando o Senhor por mais um Servo, desfilaram perante o altar, beijando as mãos do novo Sacerdote.

Já cá fora, no largo do cruceiro, o Rui Almeida, fotógrafo e amigo de longa data, não se cansava de disparar. Padre Abraão, grupos de familiares e amigos e toda a nossa rapaziada.

O semblante de cada um era risonho. A nossa aldeia vivia uma festa comunicativa. Visitantes presentes também partilharam da nossa alegria.

Entretidos como estávamos, quase não demos pelo toque da sineta. Foi Senhor P.e Carlos quem nos chamou para o copo

d'água, que foi servido no nosso amplo salão de festas.

E todos irmanados dentro desta grande família, festejávamos o acontecimento. Grandes e pequenos tudo e todos conviviam alegremente. E pelo que vi, não havia fastio...

Como Deus é bom, não faltando com nada a estes Seus filhos, que nada tinham.

A alegria da hora alta que vivemos, foi a nota dominante da nossa festa.

O repasto decorreu sempre animado e os serventes não tinham mãos a medir. De quando em vez, vivas, palmas e hurras e mais alegria.

Para terminar, nós Vos damos graças Senhor Jesus e não esqueçais o Vosso Servo Abraão, e com ele toda a família da Obra da Rua.

Manuel Pinto

Visado pela  
Comissão de Censura



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

# RESPOSTAS AO POSTAL-AVISO da NOSSA EDITORIAL

O Ultramar já está a marcar presença em cheio: Angola e Moçambique. E parte dos postais são remetidos até por via aérea! A gente não se admira. Para os homens d'hoje não há distâncias. O mundo é pequeno. Assim nele coubessem todos em Paz...

Presenças da CADA — Gabela. Fruto da semente de Amor lançada por lá há seis anos. Mais de Luanda, um magote de respostas. E Novo Redondo. E Salazar. E, ainda, Vila Guilherme Capelo—tudo gente de Angola.

Na outra costa — Moçambique — o postal-aviso também surte efeito. Lourenço Marques vai na frente. Pudeira! É capital. Mas a Beira está logo a seguir. Lembramos, ainda, ter visto respostas de Xinavane, mui perto de Lourenço Marques. Isto o que aparece à mão de semear.

Laurindo e Manuel Pinto propuseram-me não deixar atrasar expediente. E ontem mesmo pregaram no correio com nova batelada de livros. Eram «Pão dos Pobres» I, II e III volumes, mais o «Obra da Rua» (última edição). Únicas obras da pena carismada de Pai Américo que restam em nossa estante.

Os meus companheiros de trabalho hão tido o admirável cuidado de pôr em minhas mãos as cartas e legendas mais ricas de conteúdo. Antes, porém, de inserir parte delas, confesso calar-nos bem fundo na alma a presença viva e vivificante de Pai Américo no espírito de todos.

Olhem pra Lisboa:

«Junto um vale do correio, de 50\$00, destinado ao pagamento do papel e da mão d'obra da vossa edição do «Obra da Rua». Creio que os 50\$00 pagarão a parte material do volume recebido. Quanto ao conteúdo, a parte espiritual, é pura doutrina de Jesus Cristo na prática do dia a dia da vida de um verdadeiro cristão, que foi sacerdote e ficou conhecido para sempre por «Padre Américo». Quando se fala no Padre Américo, diz-se tudo, todos o conhecem, os crentes e os descrentes, com, por experiência tenho verificado.

«Obra da Rua» não me trouxe novidades. Tenho todos os livros por vós editados, já lidos e relidos. A novidade é que se lê como se nunca se tivesse lido, tal como os anteriores, e se medita como se fosse novidade. Mais, desejava, ou melhor, fica-se com o desejo de que a obra, em vez de um volume, se compusesse de 3 ou 6! Dele tenho feito as minhas orações da noite.

Reparem em S. João da Madeira:

«Junto vale do correio de 50\$00 para retribuição da mi-

nhá dívida pelos dois exemplares que recebi: «Obra da Rua» e «Pão dos Pobres». Isto não é nada para pagar a Grande Doutrina que se bebe com a sua leitura. São brasas a «queimar» as nossas cabeças e é pena que não «queime» a cabeça de muitos ricos e poderosos. Por enquanto sou operário mas espero vir a ajudar a vossa Obra, se Deus permitir, pois espero melhores dias».

Ouçamos, agora, «uma grande e velha amiga»:

«Junto 40\$ (que só lamento ser tão pouco, mas logo que possa ser irá mais um bocadinho) destinados ao meu livrinho «Obra da Rua», que não há ouro que o pague; o seu Autor é único; e o efeito das suas palavras no meu coração, sempre tão compreensivo a recebê-las, tem um efeito dum bálsamo consolador, sobre as feridas que os interesses desta pobre humanidade causam, que aos efêmeros bens da terra condenam uma vida inteira.

Espero que desta vez não será preciso chamar-me à ordem; a não ser que essa esteja de verdade desorganizada. Oíhe que isto é a brincar; pois, assim, velhinha ainda, sinto às vezes vontade de o fazer, com o devido respeito que me merece o Júlio, que há tantos anos conheço das folhas do meu Gaiato».

Simpática «Avôzinha»: sua carta foi tónico reconfortante. Caiu bem a todos nós.

Mais delicadeza:

«Não risquei nada. Preciso de tudo. O cheque não chega nem para o 1.º volume, pois as Obras de Deus não têm preço. Ele conhece as minhas condições de momento. Se Ele me ajudar e fizerem a caridade de me mandar a coleção completa, pagar-lhes-ei na medida das minhas possibilidades futuras. Se Ele não me der tempo e não mo permitir pagar-vos-á Ele. Se eu não puder ser atendido conforme o meu desejo, mande-me ao menos um, pois os cachorrinhos comem as migalhinhas que caem da mesa de seu Senhor».

Ó Beleza! Foram os livros todos. Eles são para matar a fome aos esfomeados de Amor. Estas as nossas contas.

Finalmente, mais duas legendas primorosas, que definem o estado de espírito do leitor embebido em páginas vivas, da vida de Pai Américo:

«Recebi a obra maravilhosa que me enviou — «Obra da Rua». Tenho lido às migalhas para as saborear melhor, e tenho esta Obra como uma reliquia».

Quem diria tanto, em tão pouco e tão bem!?

Mais uma na esteira da antecedente:

«Não tenho palavras que possam traduzir o que para mim representa o «Pão dos Pobres», que faz despertar em nós sentimentos adormecidos. Nestes livros busco ensinamentos salutares, sendo eles o meu refúgio nos momentos de desânimo. Aos domingos de manhã, depois das minhas obrigações cumpridas, frente ao mar, num cantinho silencioso, leio e medito na grande e única Obra do nosso saudoso Pai Américo».

Laurindo não quer ver a extensa nota d'hoje terminada sem um avizinho. Está morto por arrumar os livros da estante... Ainda tem muitos,—diz ele. Faça barulho, acrescenta. O barulho é dos leitores. Nós meros instrumentos...

As gavetas do ficheiro estão abarrotadas já, por via do movimento que o postal-aviso despertou. Em uma delas, porém, ainda de reserva..., Laurindo guarda religiosamente o mago das respostas. Tanta postalada! — grita a plenos pulmões.

Vamos lá continuar a dar mais um gostinho ao ex-«Caixa d'Óculos». Não esqueça de dizer às senhoras, insiste, que a gente tem o «Pão dos Pobres» I, II e III volumes e também o «Obra da Rua». Tal qual. O resto é com os leitores.

Júlio Mendes

# TRIBUNA de Coimbra

A Opel levou-me por aí abaixo até ao Sul. Todos os domingos de Agosto percorri praias e termas, aonde se acorria para tratamento, para descanso ou para diversão, embora a minha ida fosse a de mensageiro do Evangelho à procura do pão.

Por toda a parte há sinais de progresso em quase todos os sectores da vida: grandes fábricas em construção, estradas em alargamento, grandiosos e modernos blocos residenciais novos e bons meios de comunicação, uma boa parte do município a movimentar-se.

A par de todos estes aspectos de progresso fui contemplando a pobreza da nossa agricultura: campos abandonados à selva, vinhas tornadas bravias, olivais cobertos de silvas, bitações em ruínas e sem condições, o nosso povo rural a sentir-se abandonado, descalço e andrajoso.

À volta dos grandes centros populacionais abundam aglomerados de barracas com seus habitantes a fazer vida ao sul e muitos grupos de crianças abandonadas à rua e entregues pedinchisse.

É sempre este o reverso da medalha quando se perde noção dos valores humanos.

Não podemos esperar uma sociedade feliz enquanto o progresso não for em todos os sectores da vida dum povo. Nem uma classe se pode sentir contente enquanto as outras classes não tiverem vida ao nível de cada uma.

Muito enganado está aquele que procura tratar só de si julgando encontrar a felicidade!

Padre Horácio

# MALANJE

O André, o Zé e eu comemos na mesma mesa o mesmo arroz. Quando eu me distraio e o prato fica coberto, o André diz, em gargalhada clara, que não me vê. E eu digo que o meu prato é mais pequeno. E ele continua a construir beleza com seu riso de

Que projecção tamanha toma aqui a doutrina de Pai Américo quando ela nos transporta, naturalmente, à fundição das cores — pelo amor!  
Hoje, depois dum dia em desânimo por mor dos nossos julgamentos, a disposição do André

foi um sino repicando nas quebradas. Coragem meus rapazes, com todos os nossos defeitos venhamos, todos os dias, tentando a escalada.

Temos duas vitelas turinas e esperança de mais — mas não temos onde as meter; andam na capim. Queríamos no Outubro plantar algum tabaco mas, nei estufas nem telheiros para o secar. Queremos acabar as escolas para, no começo do ano lectivo uma ranchada «deles» entrar na vint. Estamos acabando o forno para cozer a broa que, assim, dita custa caro. O Senhor Rei tem que ficar este ano na Sua casa.

E ando aflito por tudo isto. «Não comece mais obras toca o Sr. Padre Carlos de Paço de Sousa. «Só mais umas cant eu daqui».

E vai de bater à tua porta — à porta do teu coração, que será grande e feliz quando te dispuseres a servir os teus irmãos. Ajuda-me a fazer a vacaria para que os meus filhos tenham púcaros de leite. Os teus têm eu fico feliz por isso.

Padre Telmo



«O Senhor Rei tem que ficar este ano em Sua Casa» — e está quase no fim!

cristal. Esqueceu que eu sou branco. Não há qualquer reserva ou complexo. Está na sua casa. Não mais o amarfanhar. O seu rir com gosto é parede bem firme no amor.



# PELAS CASAS DO GAIATO

## MIRANDA DO CORVO

\* Antes de começar a escrever fui dar uma volta. A primeira paragem foi na Serralharia. Era um movimento sem parar.

O João malhava uma peça agrícola; o Zé agarrava-se à rebarbadora; o Alberto ajudava-o e o Santarém compunha uma rede.

Depois segui para a carpintaria. Uns aplainavam, outros cavilhavam e o Carocol aparelhava madeira na garlopa.

Por fim segui para o campo. Passei pelo poço novo onde um grupo de rapazes mais pequenos apanhavam o feijão seco, depois pela terra nova e aqui um grupo de maiorzitos a desfolhar o milho, que dentro de poucos dias será colhido como fruto do nosso trabalho.

De passagem pela latada olhei as uvas que se juntavam para mais depressa virem a ser saboreadas ou bebidas.

\* Não quero deixar de lembrar que temos na Senhora da Piedade

um punhado de irmãos nossos, das barracas e bairros pobres de Coimbra. Estão ali a passar uns dias, pois são as férias deles. Eles não têm nada. As mães deles estão muito contentes por terem os filhos a passarem melhores dias do que em suas casas, onde não há nada e eles andam esfarrapados. Ali nada lhes falta. Eles estão na Casa do Gaiato, pois merecem tanto como nós. Visto que somos filhos do mesmo Pai.

\* Celebramos há dias a festa da Missa Nova dum novo Padre da Obra. A Missa foi cantada com júbilo e alegria. Ouvimos o nosso Padre explicar-nos o que era a sua missão na homilia, o que nos fez saber que encontramos nele um novo pai.

Henrique Carvalho

## Azurara

\* De 1 a 15 de Agosto estive em Azurara, na nossa colónia de férias, mais um turno dos nossos rapazes. Desta vez foram os «batatinhas». Presentes também dois seminaristas de Bragança e duas senhoras da «Obra das Candeias». Também eu lá estive. Pela primeira vez. E gostei imenso. De Azurara o da nossa casa da beira-mar. Terras verdes, cobertas de milharais sem fim. De onde em onde a contrastar com o verde-escuro da paisagem, casas brancas e igrejas artísticas com as suas torres esguias. Lá ao fundo, perto do mar, a desafiar os ventos agrestes e a areia fina da praia, lá está a nossa casa de repouso, bem firme, como firme é a nossa Obra, porque assente na Rocha do Evangelho. A casa é espaçosa, limpa, saudável e apropriada. A casa indicada

\* Os nossos primeiros dias de praia foram bastante agrestes. Um nevoeiro denso e um vento álgido impediram-nos, quase por completo, de saborear, inicialmente, as nossas merecidas férias anuais da beira-mar. Brilhou finalmente o Sol e os nossos «batatinhas» sorriem de satisfeitos. Vieram então os banhos (penosos para os mais tímidos), o futebol na areia, os passeios pelo pinhal.

\* A oração da manhã dava o tom alegre aos nossos dias de férias e com a da noite agradecemos ao Senhor os benefícios recebidos. Orações breves mas sentidas. À tardinha, o chefe do grupo entoava o Terço à Mãe e todos, com júbilo, seguiam-no em coro.

\* Os distribuidores do nosso jornal foram até Vila do Conde. Em três manhãs espalharam cerca de 300 exemplares. No tempo de férias não se pode pôr de parte, por completo, o trabalho. Bem hajam os nossos benfeitores e amigos pela recepção carinhosa que nos fizeram.

\* 11-8-66. O Pêga fez 11 anos. Uma festa simples, mas sentida, assinalou a data. Não faltaram as canções de parabéns, nem as velas de aniversário, nem o carinho dos irmãos, nem palavras de felicitações.

\* O Amândio (de 4 anos) tornou-se a figura mais simpática da praia e o centro de atenções de quem por ali veraneava. É que ele tem o condão de cativar com a sua simplicidade; é um miúdo atraente, inteligente, muito afável. Encontrei-o, uma vez, pela mão de uma senhora, saboreando uns rebuçados que esta lhe oferecera.

— Tu queres ser minha mãe! — perguntara-lhe ele. (É que o Amândio nunca conheceu pai nem mãe). A senhora atendeu-o. Ele sorria satisfeito. Eu cismava. Ai mundo ingrato! Não é com festas de caridade, nem



Um turno de Paço de Sousa, na bela Colónia de Férias de Azurara.

para umas férias merecidas dos nossos rapazes. Azurara, que sempre foi alvo das maiores tradições na História dos Reis, orgulha-se de acolher simpaticamente mais uma casa da nossa Obra. Sim, porque, nos nossos dias, o amor do pobre e do fraco, hoje em que os valores do espírito estão diminuídos, é sempre motivo de orgulho natural.

com sorrisos de amizade disfarçada que se resolvem os problemas e as angústias do Pobre e do abandonado, mas com uma doação total e uma entrega plena de caridade e de amor à sua causa.

\* Fizemos uma festa de despedida, no fim do nosso turno. Estiveram presentes e colaboraram as pequenas das «Candeias». No pinhal, próximo de casa, estava o palco, adaptado à nossa maneira. Depois do almoço colectivo, saboreado ao ar livre, teve lugar uma representação teatral. Os nossos pequenos actores saíram-se às mil maravilhas. Não faltaram nem o cómico, nem o recitativo, nem a música. Bela despedida e memorável recordação do nosso encontro em Azurara.

Cassiano Reimão

## PAÇO DE SOUSA

\* Apenas um cantinho me foi reservado para este «O Gaiato». Por conseguinte dá pouco para vos dar notícias de como vai a nossa «campanha do acordeão». Chegaram já duas ofertas até à hora em que vos escrevo. Uma de Lisboa, de um nosso sempre muito amigo, disposto a contribuir para todas as aflições. Ele que me perdoe, mas o meu desejo era citar o seu nome. Porém como «O Gaiato» não é jornal publicitário, apenas deixo escapar esta verdade. Foi o dador da nossa bateria, há pouco tempo pedida nesta coluna. Desta vez presta-se a enviar a seguinte carta.

«Estimados amigos:

Com risco de ir contribuir para o aumento das manifestações ruidosas do v. grupo artístico, junto um Cheque N.º 830724 de Esc. 3.000\$00 para a compra do acordeão.

Vosso amigo...  
A outra chegou hoje e veio de Viseu: «Envio um vale de 50\$00 para pagar uma tecla do dito.

Oxalá não seja eu a abrir o activo deste apelo, com esta insignificante importância. O desejo é que fosse já a 20.ª».

Não, esta foi a segunda. Alcançaremos a 20.ª?

O acordeão ainda fica «pesado». Fui ao Porto saber preços e já temos quase metade do custo.

Quem quer tocar nas restantes teclas?!

João da Rocha

## Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Como já é do conhecimento dos nossos leitores, achámos por bom integrar a nossa acção vicentina no meio paroquial. Satisfazemos não só as conclusões do Congresso Vicentino de Fátima como procuramos, assim, dar melhor coordenação ao nosso trabalho.

Os vicentinos e vicentinas da paróquia estão animados. Nem outra coisa, aliás, seria de esperar. A Caridade tem de começar por nós... Extremámos caminhos, isto é, as vicentinas tomam à sua conta Pobres do sexo feminino. E casos há que requerem uma entrega assídua e compreensiva. Nós, vicentinos — Gaiatos e Juventude da freguesia — debruçamo-nos sobre os problemas de casais ou Pobres do sexo masculino.

A última reunião foi proveitosa. Respirou interesse. Foi uma reunião conjunta. Vamo-nos entretanto esforçar por renovar e manter bem vivo o nosso Ideal. Deus nos dê Força.

Esperamos manter este cantinho ainda mais assíduo — na medida do possível e da pequenez do «Famoso». Aliás foi o voto emitido na última reunião.

Ora aí vai a *procissão* de Amigos que jamais esqueceram os nossos Pobres. Hoje é uma *procissão* pequenina.

Todavia, precisamos que ela *cargose* mais e mais. Temos dobradas responsabilidades. E quando a Cruz se divide por muitos a caminhada é mais suave.

Ai temos a *procissão*:  
Abre Lydia Cabeça com 50\$00. Mais 40\$00 da assinante 17022, uma que nunca falta! Metade de um meu condiscípulo da Escola Comercial Mousinho da Silveira. Quantos mais anos passam maior a nossa Amizade. Demos graças a Deus, Lourenço Marques presente com 20\$00, pela mão de uma Funcionária dos C. T. T. U. Mais 70\$00 da assinante 18989, de Gouveia. E outros 20\$00 da «Viava do Porteiros». O óbulo da Viuva escaldada! Este é fruto de muito sacrifício. Mais 120\$00 relativos ao 1.º semestre do corrente ano, da Horta. Mais 20\$ de um gaiato, tipógrafo. Apeteceu-me beijar-lhe as mãos! Mais 40\$00 da assinante 17740. E mais 50\$00 da Quinta do Bom Despacho — Sintra. E o mesmo de um Médico, muito amigo, das Caldas da Rainha. Finalmente, mais uma acha de 40\$00, da assinante 17022. Isto é que é perseverança!

Júlio Mendes

## Lar de Lisboa

Continuação da pág. UM

pela experiência da vida dos Pobres a asfixia lenta que os juros produzem. Não o sabemos por experiência própria, graças a Deus. E não queríamos aventurar-nos a esse conhecimento.

Aqui fica, pois, o dilema que se nos põe, posto à Assembleia de quantos convivem a nossa vida, mediante «O Gaiato».

Quem nos dá conselhos EFICAZES sobre a solução a escolher?!

A  
nossa  
última  
edição

## "OBRA DA RUA"

Se não é assinante da nossa Editorial, e deseja possuir mais esta obra de Pai Américo, basta fazer o seu pedido de remessa em um simples bilhete postal.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

## ORDINS

Como todos sabem, a falta de casas continua a ser o problema número um da humanidade. Quando o Sr. Padre Aires estava à frente desta Obra, com certeza, ergueu de novo algumas moradias neste lugar. Depois que se foi, já se compôs uma, e fez-se há pouco mais de um ano outra quase de raiz. Devem estar lembrados todos os que contribuíram para ela. (Foi a casa que se incendiou). Pois agora, uma família cujo chefe é aleijado das duas pernas, e anda agarrado a duas moletas, não me larga a porta, para que lhe oomponha a casa que está a

cair. Diz ele: «Se tiver pena de mim, tenho a certeza que ma compõe». Eu respondi-lhe: «pena tenho, o que não tenho é dinheiro». Já meti num envelope 50\$00 que uma Senhora de Lisboa me mandou para a maior necessidade que tivesse em mão; ora a maior é esta, para a qual peço a vossa ajuda, com urgência, pois era preciso compô-la antes que entre o inverno. Ó meu Deus!, quem se mete nestas obras jamais pode parar. Ajudai-me a perseverar na minha missão a bem dos nossos irmãos Pobres.

M. A.